

## FESTIVAIS DE VERÃO

“Sexo, drogas e rock’n’roll”. A associação existe desde que o rock apareceu.

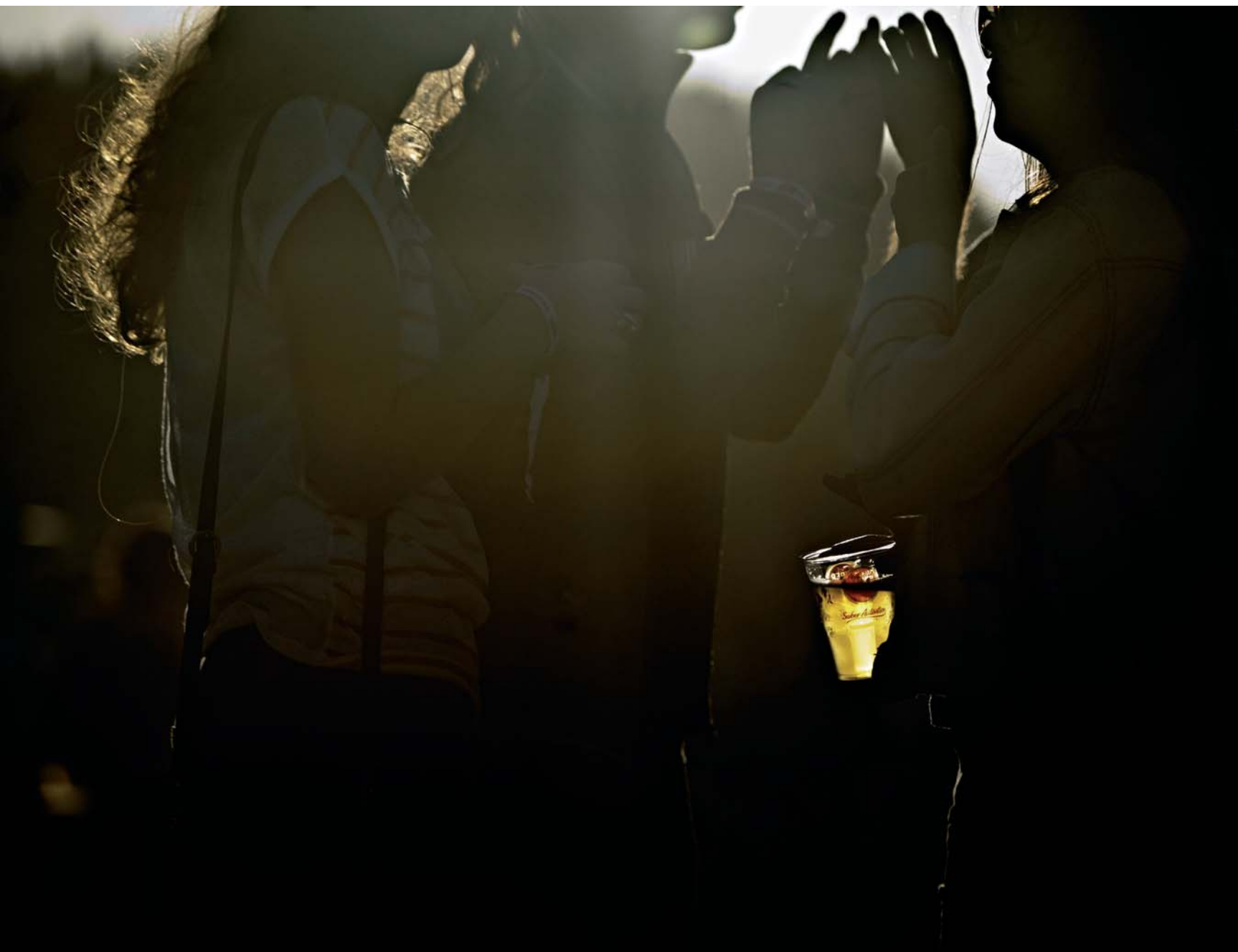
Para lá do divertimento que os festivais trouxeram aos verões e dos milhões que movimentam, o que é que lá acontece que os miúdos não contam aos pais?

REPORTAGEM DE **KATYA DELIMBEUF** (TEXTOS) E **NUNO FOX** (FOTOGRAFIAS)

16

# O LADO B

**APAGÃO** O FIM DA  
NOITE TRAZ CONSIGO  
A QUEDA DE ALGUNS  
FESTIVALEIROS. O  
MOTIVO? CANSAÇO E  
EXCESSO DE ÁLCOOL



G

Grandes concentrações de pessoas levam sempre a grandes excessos. Por uma questão matemática de probabilística ou de psicologia de massas, “coisas” acontecem, nomeadamente em ambiente de festa. Desde os tempos do mítico festival de Woodstock, em 1969, que “sexo, drogas e rock’n’roll” são garantidos nos festivais de música. Mas afinal, qual é a realidade portuguesa? O que acontece nos nossos festivais?

Não há forma de saber se Nuno, 23 anos, morador em Lisboa, é a regra ou a exceção. A fazer planos de ingressar em Engenharia, depois de um curso de Robótica, Nuno é um rapaz “normal”, da classe média, que frequenta festivais de música desde os 14 anos. Já lá vão “36 festivais”, entre Optimus Alive, Super Bock Super Rock, Su-

doeste TMN, Marés Vivas, Paredes de Coura e Festival de Músicas do Mundo, em Sines. É sem pejo que afirma: “90% das pessoas nos festivais estão bêbedas ou drogadas.” Quando perguntamos se esse número não é excessivo, responde: “Dos meus amigos — cerca de 400 — apenas 5 ou 10% nunca consumiram drogas nem álcool.” Nuno não diz isto com alarme. Considera as drogas algo “normal” na sua geração, através das quais se faz parte do processo de aprendizagem. Confessa que já experimentou “tudo” e que hoje não consome determinados tipos

de droga por achá-las “perigosamente aliciantes”. Contudo, é algo que convive com ele e com os amigos naturalmente, sobretudo em ambientes de festa como os festivais. “É cada vez mais banal, nos festivais, a experiência das drogas e do álcool. Existem muitas pessoas a ganhar muito dinheiro com a venda de drogas. Há dois anos no Sudoeste (perto da Zambujeira do Mar), havia dealers identificados, que toda a gente sabia quem eram, a vender MD (droga também conhecida por cristal), coca, erva e ácidos”.

Os vários tipos de música, que



se distribuem por vários palcos, “pe-dem” drogas diferentes. No reggae reina a “ganza”, nos palcos eletrônicos o domínio é da pastilha (ecstasy, MD). Nas festas ‘transe’, ou em festivais mais alternativos como o ‘Boom Festival’, a fasquia ‘sobe’ para o LSD e os ácidos. “Uma vez, vi um miúdo, num festival de transe, meter um ácido inteiro, e passados 15 minutos, meter outro... Isto quer dizer forçosamente que, dali a uma hora, vai ter uma bad trip, sentir efeitos de claustrofobia — ou seja, efeitos indesejados para um ambiente de festa”. Nos festivais onde

**FESTIVALEIROS** O SUPER BOCK SUPER ROCK DESTA ANO TEVE MENOS PÚBLICO DO QUE EM 2011. NO CAMPISMO, CHARROS E ÁLCOOL SÃO BANAIS, A GNR ASSUME QUE É DIFÍCIL CONTROLAR. O GRUPO DE MARCO, 20 ANOS, DE SOBRAL DE MONTE AGRADO (NA SEGUNDA IMAGEM), “SÓ TROUXE ERVA”. ALÉM DE ÁLCOOL, CLARO. MAS O CANSAÇO VENCE ALGUNS CEDO

se acampa (Sudoeste, Super Bock...), “é comum”, diz, “ver miúdos a dar na coca. É normal, é a preparação para os concertos. A ânsia, a vontade de fazer asneira, de exagerar... Eu também já fiz isso”, conta. E completa: “As smartshops vieram banalizar os hábitos de consumo dos miúdos, com drogas legais que eles passaram a consumir”.

#### O ‘BOATO’ DA VIOLAÇÃO

Mas é o álcool, sem dúvida, a droga mais generalizada. Todos bebem, e nas raparigas, “mais fraquinhas”, muitas vezes os resultados

## Delitos, queixas e detenções nos festivais de 2011

### FESTIVAL SUDOESTE

(Zambujeira do Mar, agosto 2011):

**25 detenções** (15 por tráfico de estupefacientes, 8 por condução em estado de embriaguez, 1 por desobediência e 1 por passagem de moeda falsa)

**170 autos de contraordenação** (105 por infrações à legislação rodoviária, 43 por consumo de estupefacientes e 22 por infração à legislação do ambiente)

### SUPER BOCK SUPER ROCK

(Meco, julho 2011)

**3 detenções** (2 por tráfico de estupefacientes e 1 por agressão a militar da Guarda)

**1 furto**

**22 contraordenações** (uma por infração à legislação rodoviária e 22 por consumo de estupefacientes)

### AZURARA BEACH PARTY

(Vila do Conde, agosto 2011)

**6 detenções** (4 por tráfico de estupefacientes, 1 por condução em estado de embriaguez e 1 por condução sem habilitação legal).

**1 queixa por furto**

**104 contraordenações** (57 por infrações à legislação rodoviária, 47 por consumo de estupefacientes)

### PAREDES DE COURA

(Agosto 2011, Minho)

**1 detenção** (por condução em estado de embriaguez),

**1 queixa por furto**

**69 contraordenações** por infrações à legislação rodoviária

### VILAR DE MOUROS

(Caminha, agosto 2011)

**1 queixa de furto**

Fonte: GNR

## A indústria dos festivais em números

### 80 MILHÕES DE EUROS

é o valor estimado que os principais festivais de música em Portugal vão movimentar em 2012

### 45 MILHÕES DE EUROS

é o custo dos sete festivais de maior dimensão em Portugal este ano

### NÚMEROS DE ESPECTADORES

#### 2012

##### Maio

**Rock in Rio 2012** —

4ª edição (5 dias): **353.000**

Investimento bianual (Lisboa, Madrid e Brasil):

€90 milhões

##### Junho

**Sumol Summer Fest 2012** —

4ª edição (3 dias): **29.000**

**Cool Jazz Fest** — 9ª edição

(12 noites): **35.000**

##### Julho

**Delta Tejo** — 5ª edição (3 dias): **54.000** (dados 2011)

**Super Bock Super Rock 2012** — 18ª edição (3 dias): **65.000**

**Optimus Alive 2012** — 6ª edição (3 dias): **154.000**

bilhetes vendidos (até 6 julho). Investimento de 2012: entre €4 e €4,5 milhões

**Boom Festival** — bianual (8 dias): **25.000** (dados 2010)

#### 2011

##### Julho

**Marés Vivas TMN 2011** —

8ª edição (3 dias): **75.000**

##### Agosto

**Sudoeste TMN** — 16ª edição

(5 dias): **210.000**

**Paredes de Coura 2011** —

(4 dias): **80.000**

são piores. “Veem-se muitas miúdas bêbedas nos festivais”, continua Nuno. “E há muitos predadores... Se uma miúda de 14, 15 anos for para um festival pela primeira vez sozinha, sem os pais, e apanhar um ‘bezanão’, é claro que se habilita...”.

No ano passado, a notícia de uma violação no Festival Sudoeste abriu um telejornal e lançou o pânico no recinto. Marco, 20 anos, que lá acampou em 2011, conta: “Houve um rapaz violado no Sudoeste. No campismo não se falava de outra coisa.” Nenhuma queixa foi formalizada na GNR, mas quem frequenta festivais onde se acampa acha que, infelizmente, o crime é relativamente fácil de acontecer. João Gonçalves, 39 anos, autor do blogue de música ‘Grandes Sons’ e frequentador de festivais desde 1995, considera que “as miúdas são superagressivas: microcalções, muita maquilhagem... Tenho que dizer que não me admira nada que a notícia seja verdadeira. Elas têm aquela postura, eles entregam-se à bebida, e é fácil a coisa descambar...”.

O coordenador de técnicos de informática na IBM ressalva que o Sudoeste é um festival diferente de todos os outros: “Não precisa sequer de música para vender. Em dezembro, os bilhetes venderam antes mesmo de haver cartaz. Vai-se pelo ambiente, não pela música. Cinco dias antes, já estão milhares a acampar”. Não espanta, como tal, que entre tantos campistas seja fácil haver assaltos, tráfico de droga, ou coisas piores... Em 2011, a GNR da Zambujeira do Mar registou uma média de 40 assaltos por dia no Festival Sudoeste TMN — sendo que nem todas as pessoas assaltadas se dão ao trabalho de apresentar queixa à polícia. João Gonçalves considera este um dado adquirido: “Todos os anos, é tido como normal haver assaltos no Sudoeste, como no Super Bock. Isto não se contorna. Não conheço ninguém que não tenha sido assaltado. É assumido que aquele sítio é uma selvagem”. A organização Música no Coração, que tem a seu cargo festivais como o SBSR ou o Su-





**EXCESSOS** A TENDA ELETRÔNICA É LOCAL DE CONSUMOS MAIS PESADOS: COCAÍNA, 'PASTILHAS' E MD EM PÓ. AO LADO, OS MIÚDOS CONSOMEM TODO O TIPO DE ÁLCOOL EM GARRAFAS DE PLÁSTICO. EM BAIXO, UMA RAPARIGA A VOMITAR, UM MIÚDO A FAZER UM CHARRO E O MÉDICO LUÍS RAIMUNDO NO HOSPITAL DE CAMPANHA

doeste, desvaloriza: "Não consideramos que o nosso público precise de ser policiado. Este sempre foi um festival de boa onda, convívio e partilha, uma semana de férias bem passada." João tem opinião diferente. Para ele, a culpa é parcialmente "dos pais que despejam os filhos nos festivais durante uma semana, acreditando que aquilo é uma espécie de colónia de férias".

Maria João, 25 anos, estava nesse Sudoeste, o ano passado. A mãe ligou-lhe em pânico depois de ouvir a notícia da violação na televisão. "Andam a violar miúdas no Sudoeste!?", perguntou, preocupadíssima. Maria João não se apercebeu de nada nesse sentido, mas a sua má experiência foi outra: na penúltima noite do festival, depois de beber um litro de sangria e de fumar umas passas no charro de um conhecido, "apagou". "Tive um blackout de moca, amplificado pelo cansaço", diz a atual assistente de call center, formada em marketing e publicidade. "Comecei a sentir-me sem forças, sem conseguir falar... A minha amiga ficou muito aflita, porque há meia hora que me tentava reanimar e eu não reagia."

Então foi procurar assistência. Um enfermeiro veio buscá-la de

motoquatro — já que ninguém a conseguia levar ("eu, que peso 48 kg, era um peso-morto") —, chamaram-na pelo nome e perante a não reação, começaram a dar-lhe "chapadas". "Depois, passaram a ser beliscões com força. Fiquei com os braços e as pernas todas negras", assegura. "Chegada à tenda dos primeiros socorros, que estava cheia, com cerca de 20 miúdos, puseram-me numa cama, deram-me uma manta térmica depois de eu muito dizer que tinha frio, e ali fiquei três horas, a dormir." Nem soro, nem análises, não fizeram mais nada. "A minha assistência foi péssima", conta Maria João. "Ninguém teve a preocupação de saber o meu historial de saúde, nada. Fiquei mal impressionada."

No Super Bock Super Rock deste ano, a tenda da assistência médica contava com uma equipa fixa de cinco elementos: um médico, dois enfermeiros, e técnicos de emergência médica. Dentro da tenda que é hospital de campanha, há várias camas. Há ainda uma pequena sala para cirurgias, caso seja necessário. O dr. Luís Raimundo, chefe da assistência, a trabalhar em festivais desde o 1º Super Bock Super Rock, desdramatiza: "Isso dos comas alcoólicos é um mito urbano", diz, de imediato. "Hoje, por exemplo (1º dia), tivemos 40 pacientes. A maioria são insolações, miúdos que adormecem ao sol, bolhas e escoriações nos pés... Claro que há sempre casos de excesso de álcool. Esta noite tivemos quatro. Quem é que nunca bebeu um copo

a mais? Essencialmente, precisam de dormir. Pomos-lhes uma manta térmica, ficam a parecer uns 'douradinhos da Iglo', dormem e saem daqui para a tenda."

No hospital de campanha, no entanto, há tudo o que é preciso para tratar casos graves: "medicamentos para possíveis overdoses, analgésicos, remédios para a asma, enxaquecas...". E mochilas com equipamento médico para crises cardíacas. Luís Raimundo orgulha-se de nunca ter sido necessário evacuar ninguém para hospitais nos festivais onde faz assistência — só em caso de fraturas saem para fazer radiografias. "E os casos de droga?", perguntamos. "São mais complexos. O tratamento depende muito do diagnóstico. Todos os anos faço um estudo das novas drogas do mercado para estar preparado. O meu papel aqui não é julgar as pessoas, é tratá-las", conta.

#### DROGA E TRÁFICO

A droga é outro dado adquirido nos festivais: toda a gente sabe que há e toda a gente sabe que pode arranjar. À 'ganza' (cannabis ou marijuana), banal, que se cheira a cada dez metros, somam-se algumas drogas mais pesadas, como as pastilhas ou a cocaína. "Vi há uns tempos três adolescentes a 'snifar' cocaína com a maior inconsciência bem à minha frente, no Sudoeste, e isso incomodou-me", conta Joana Almeida (nome fictício), 42 anos, frequentadora de todo o tipo de festivais desde 1998.

Casada e com dois filhos, de 10 e 15 anos, esta mãe não considera que a realidade atual dos festivais seja pior do que há uma década: "Há menos violência física. Nos anos 90 via-se mais droga pesada, mais lutas, mais mosh, mais adolescentes e jovens adultos completamente 'fora'. Hoje, vejo adolescentes mais jovens ou quase crianças sem os pais, e isso é diferente. E aí há mais inconsciência, mais embriaguez e perda de controlo", acredita. "Tenho receio de que os pais consentam a ida de crianças a festivais por não acharem perigoso, mas esquecem-se que em grupo os filhos são muito diferentes do que em casa."

Na verdade, as apreensões de droga que a polícia faz na estrada, a caminho dos festivais, já não surpreendem ninguém. Vlad, um rapaz de 18 anos integrado num grupo de 40 amigos de Faro, que acampa no Super Bock, conta que foi revistado no carro pela polícia, com cães. Aníbal, um amigo, confessa que ontem lhe ofereceram MD no recinto. No entanto, os 95 elementos da GNR diariamente destacados para o Festival não conseguem apreender toda a droga que entra. Apesar da revista das mochilas, é sempre possível fazer passar doses mais pequenas na roupa interior, por exemplo. "No parque de campismo, é complicado manter a vigilância", admite o responsável da GNR no terreno, tenente Martins. Este ano, no acesso ao festival

**NO INTERIOR DO  
RECINTO SÓ SE  
VENDE CERVEJA E  
SANGRIA, MAS OS  
MIÚDOS FINTAM AS  
REGRAS TRAZENDO  
LATAS OU GARRA-  
FAS DE PLÁSTICO**

SBSR, foram apreendidos “50 gramas de haxixe, 3 gramas de liamba, e uma arma de fogo ilegal.”

Nada de drogas. O álcool é tudo em que tocam, afiançam os amigos de Faro. “A bebida é alegria todo o dia”, graceja Aníbal, e brinda com os amigos, nos seus púcaros de metal com sangria, vinho ou vodca com laranja. No interior do recinto do SBSR só se vende cerveja e sangria, mas os miúdos fintam as regras trazendo bebida em lata ou garrafas de litro de plástico (as de vidro estão proibidas), onde fazem todo o tipo de misturas. Outro grupo que está acampado, de seis

rapazes e duas raparigas de 18 anos, das Caldas da Rainha, bebem litros de cerveja Sagres (uma mini-provocação), comprada na aldeia do Meco, ali ao lado. Na mesa, há mortelhas, e os olhos vermelhos não enganam — ali fuma-se erva. “Ontem apreenderam €300 em droga aqui no campismo”, atira Jorge, um deles. “Uma bolota, uma placa de pólen...” “É tudo *madness*”, repete o amigo João, no gozo.

Uns metros ao lado, Marco, 20 anos, acampa com seis amigos de Sobral de Monte Agraço. Tronco nu, tem escrito a branco no peito “18º Super Bock Super Rock”. É o segundo ano em que acampa, mas este ano já foi ao Sumol Summer Fest, e ainda tem pela frente o Nova Era Beach Party, o Sudoeste TMN e o Avante. Comprou o CP Card, que custa €110 e dá acesso a três festivais, além das viagens de comboio grátis. Está desiludido com a fraca afluência (nos três dias do Festival, o público foi respetivamente de 18 mil, 21 mil e 26 mil, ao invés dos 40 mil de 2011). “Venho pelo convívio”, confessa. “No ano passado, só vi dois concertos”. O que fazem então estes rapazes o dia inteiro, no campismo? Acordam pela hora de almoço, vão

**FIM DE FESTA** DEPOIS DO FESTIVAL, SOBAM OS DESPOJOS. CENTENAS DE COPOS DE PLÁSTICO, DA CERVEJA E SANGRIA CONSUMIDAS NO RECINTO, AMONTOAM-SE NO RELVADO, FRENTE AO PALCO PRINCIPAL DA HERDADE DO CABEÇO DA FLAUTA

à praia umas horas — e, sobretudo, bebem. E fumam charros *non-stop*. “Hoje, bebemos duas grades de minis e para a noite, temos uísque, amêndoa amarga, e vinho tinto”, enumera. Marco tem um discurso coerente: “Há bocado estava muito mais bêbedo que agora” (pelas 20h), confessa. No sábado, reencontro a turma de Marco no campismo. Cada um tem um charro na mão, e uma garrafinha com um líquido amarelo, que oferecem simpaticamente. “Que é isso?”, pergunto. “Uísque com Red Bull”. Perante o meu ar de desagrado, levantam um garrafão de cinco litros de água, com outro líquido lá dentro. “Uísque?” Agradeço — e declino.

E drogas, viram alguma coisa, pergunto? O grupo dele só traz erva, garante. Os cães da GNR cheiraram as mochilas todas. “Mas uns campistas ali conseguiram ficar com 20 gramas de erva para vender. Pólen e ganza é a rodos”, partilha. “MD ainda não vi. Mas há na

tenda eletrónica”, afirma sem hesitar. Na verdade, vimos várias drogas duras ser consumidas na tenda dos DJ: às 23h de sábado, um grupo de amigos na pista de dança snifava cocaína com a ajuda de um canudo, em cima de uma base de papel, e horas mais tarde, às 2h, dois rapazes metiam pastilhas para dançar noite fora. Na véspera, vimos dois amigos misturarem um pó na sua cerveja, semelhante ao MD. Mas é impossível saber quantas pessoas na tenda eletrónica estão sob efeito de drogas.

### EXPERIÊNCIAS MEMORÁVEIS

Diogo Marques, 22 anos, conta a sua experiência no Sudoeste em 2006. “Os nossos vizinhos da tenda ao lado convidaram-nos a fumar droga, mas recusámos. Nessa noite, havia uma fila de pessoas à frente da tenda deles — percebemos que era para comprar droga. No dia seguinte, quando chegámos à nossa tenda, estava queimada e tinham-nos roubado a carteira, calções, roupa, um casaco. Fizemos queixa à GNR, mas disseram-nos que não podiam agir dentro do recinto do Sudoeste. Enchemo-nos de coragem e abrimos a tenda deles, para ver se lá estavam as nossas coisas, e encontrámos... catanãs.” Diogo não voltou ao Sudoeste. “Este tipo de comportamento acaba por me afastar”, confessa.

Este ano, no Super Bock, os seguranças revistavam as mochilas de todos quantos entravam e saíam do campismo e no recinto. Mas nem assim resistiu aos assaltos: João, 18 anos, um dos rapazes do grupo de Faro, ficou sem iPhone na quinta-feira. “Adormeci com o telemóvel na mão, mas estava fechado dentro da tenda. Não levaram a minha carteira, sabiam ao que vinham. Já fui apresentar queixa.”

Apesar do ‘lado B’ dos festivais de música, o ‘lado A’ pesa mais para quase todos os que ouvimos ao longo desta reportagem. O que corre bem é muito mais memorável do que o que corre mal, garantem. Sexo, drogas e rock’n’roll existiram, e existirão, sempre. É preciso que as pessoas saibam ao que vão. ■

revista@expresso.imprensa.pt

**"TODOS OS ANOS FAÇO UM ESTUDO DAS NOVAS DROGAS, PARA ESTAR PREPARADO", CONTA LUÍS RAIMUNDO, MÉDICO**